

# REPLICANDO O PASSADO: uma comunicação entre duas épocas

---

## REPLICATING THE PAST: communication between two eras

Alice SANTOS<sup>1</sup>  
Ana Karoline BARBOSA<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Faculdade Estácio FAP Pará. E-mail: [alicesantosjr@gmail.com](mailto:alicesantosjr@gmail.com). ORCID: 0009-0003-3659-4306.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pará (UFPA) e Estácio FAP Pará. E-mail: [pesquisadora.karolbarbosa@gmail.com](mailto:pesquisadora.karolbarbosa@gmail.com). ORCID: 0009-0002-6914-2982.

## RESUMO

É possível haver comunicação entre duas épocas? Para responder a esse questionamento, este artigo analisou o projeto “Replicando o Passado”, que promove a interação entre arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi e um grupo de ceramistas de Icoaraci com o objetivo de produzir réplicas das cerâmicas de culturas ancestrais da Amazônia. O projeto foi analisado sob a perspectiva de um dispositivo interacional, utilizando como metodologia entrevistas prolongadas de estudo de caso, o que mostrou que o produto da interação entre os participantes, incluindo nesse cenário os próprios artefatos arqueológicos, é uma comunicação que transpassa a barreira do espaço-tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** dispositivo interacional; Amazônia; cerâmicas; peças arqueológicas.

## ABSTRACT

Is it possible to have communication between two eras? To answer this question, this article analyzed the “Replicando o Pastado” project, which promotes interaction between archaeologists from the Museu Paraense Emílio Goeldi and a group of potters from Icoaraci with the aim of producing replicas of ceramics from ancestral cultures in the Amazon. The project was analyzed from the perspective of an interactional device, using prolonged case study interviews as a methodology, which showed that the product of the interaction between the participants, including in this scenario the archaeological artifacts themselves, is a communication that goes beyond the barrier of space-time.

**KEYWORDS:** interactional device; Amazon; ceramics; archaeological pieces.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A produção de objetos de cerâmica na região amazônica remonta uma cultura milenar que é trazida ao campo da ciência pelo trabalho de arqueólogos que buscam compreender o passado e, conseqüentemente, o presente (Barreto; Lima; Betancourt, 2016). Aliás, falar em uma única cultura é sintetizar a complexidade e a diversidade da estrutura social de uma vasta quantidade de povos que habitaram a Amazônia (Oliveira, informação verbal, 2024)<sup>3</sup>. E tão vasta quanto a quantidade de etnias que viveram nesse território é a variação de objetos de cerâmica produzidos por elas. Objetos estes que, hoje, são peças arqueológicas importantes no trabalho de desvendar os traços culturais e a história desses povos que fazem parte da ancestralidade da população amazônica.

Dada a importância desses artefatos, resguardá-los de quaisquer situações de exposição a danos sempre foi um desafio. Por isso, ao longo da história, criou-se uma lacuna entre a sociedade em geral e o acesso às peças arqueológicas (Lima, informação verbal, 2024)<sup>4</sup>. Um verdadeiro paradoxo, já que elas são um patrimônio público. É por isso que a ideia de um projeto que permite o acesso de ceramistas populares ao acervo de peças arqueológicas do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) – principal instituição de pesquisa arqueológica da Amazônia – para que réplicas possam ser produzidas a partir da observação direta das originais, abre uma grande diversidade de possibilidades para a comunicação, não só entre os integrantes diretos do projeto, mas para a sociedade de um modo geral, e para o diálogo entre duas épocas e culturas diferentes radicadas na mesma região.

“Replicando o passado” é um projeto de parceria entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e um grupo de ceramistas do bairro do Paracuri, em Icoaraci – distrito situado a 20 km do centro urbano de Belém-PA – que desde 2016 promove encontros semanais entre arqueólogos e os ceramistas para promoção de pesquisas e trocas de conhecimento sobre as peças arqueológicas e as culturas de onde elas provêm (Lima, 2023). Este artigo se propôs, portanto, a observar esse processo comunicativo – que ocorre com a aproximação e a interação entre os participantes do projeto para estudo e replicação das peças de cerâmica das culturas Marajoara, Tapajó, Maracá, Caeté e Tupi Guarani – com o intuito de compreender se é possível haver comunicação entre duas épocas por meio do contato desses participantes com peças arqueológicas deixadas por culturas ancestrais e quais contribuições essa interação pode deixar para o campo científico e

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Erêndira Oliveira. [20 abr. 2024]. Entrevistadora: Alice Santos. Belém, 2024.1 arquivo m4a (12 min. 47s.).

<sup>4</sup> Entrevista concedida por Helena Lima. [8 abr. 2024]. Entrevistadora: Alice Santos. Belém, 2024. 6 arquivo m4a (37 min. 23s.).

social.

Esta pesquisa também se caracteriza enquanto investigação exploratória na qual se pretende dar continuidade e aprofundar futuramente, já que o objeto será analisado enquanto dispositivo interacional (Braga, 2017a), o que o caracteriza como parte de um circuito de comunicação (ou de vários circuitos) muito maior (Braga, 2017b). Dessa forma, busca-se entender a relação da cerâmica de Icoaraci com os artefatos arqueológicos salvuardados pelo Museu Paraense Emílio Goeldi; analisar o processo comunicativo entre arqueólogos da instituição e ceramistas a partir da criação do projeto “Replicando o Passado”; identificar o produto da interação a partir da troca de conhecimento entre os níveis científico e técnico, teórico e prático, e tecnológico e artesanal que ocorre por meio da interação promovida no dispositivo pesquisado, bem como de que maneira os artefatos arqueológicos se inserem nesse contexto, quais seus papéis inferenciais na qualidade de representantes das culturas ancestrais pesquisadas pelo projeto.

## METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos desse artigo, inicialmente, foi realizada uma pesquisa de campo (Marconi; Lakatos, 1996), no bairro do Paracuri, distrito de Icoaraci – local tradicionalmente ligado à cerâmica – para entender a dinâmica de produção dos ceramistas e a relação dos mesmos com a atividade. Nessa fase da pesquisa, foi possível coletar as primeiras informações sobre a história do bairro e da sua ligação com as olarias – locais onde as peças de cerâmica são produzidas. Foi nesse primeiro contato (28/03/2024) que conhecemos o projeto “Replicando o Passado”, por meio de um *banner* presente na segunda olaria visitada, pertencente ao mestre ceramista Marivaldo Costa, no qual continha informações sobre o referido projeto. Além do que havia nessa mídia, o mestre ceramista foi importante fonte para se entender o que eram as réplicas arqueológicas, as diferenças dessas peças para os outros tipos de cerâmicas produzidas nas olarias de Icoaraci, bem como o que é o “Replicando o Passado”. Inicialmente, o projeto seria incluído como parte de um objeto maior (a cerâmica de Icoaraci), porém, com o aprofundamento da pesquisa, ele mostrou potencial para ser estudado de maneira independente e, assim, chegamos à conclusão de que poderia ser analisado como um dispositivo interacional.

Após essa fase, foi iniciada a etapa de pesquisa bibliográfica (Macedo, 1995) aliada às entrevistas prolongadas de estudo de caso (Yin, 2015), por meio das quais ocorreram *insights* importantes para esta pesquisa. A primeira entrevista desta etapa foi realizada no dia

08/04/2024, com a arqueóloga-pesquisadora e curadora da coleção arqueológica do Museu Paraense Emílio Goeldi, Helena Lima, e aconteceu no Campus de Pesquisa do MPEG que fica na Avenida Perimetral, bairro da Terra Firme, em Belém-PA, onde ocorrem os encontros do projeto toda segunda feira desde a sua implantação. Foram feitas as seguintes perguntas:

- 1- Como nasceu e como funciona o Projeto Replicando o Passado?
- 2- O que você considera importante nesse projeto que traz o encontro entre dois tipos de conhecimento, traz o acesso também de populares ao acervo e conhecimentos científicos?
- 3- Qual a importância que você vê nesse encontro?

A próxima etapa de entrevistas foi enviada pelo aplicativo de mensagem instantânea Whatsapp aos outros quatro artesãos participantes do projeto no dia 09/04/2024. Nessa fase, obtivemos respostas de dois entrevistados: os mestres Ideomar de Jesus Almeida (Deo Almeida) e João Sarmento. As perguntas enviadas foram:

- 1- Qual a principal diferença que o senhor percebe no seu trabalho e na sua vida a partir do momento em que passou a ter contato com as peças arqueológicas?
- 2- Na sua visão, o trabalho de reprodução das peças arqueológicas tem uma função social? Qual?
- 3- O que a sociedade contemporânea pode aprender por meio do contato com as réplicas de peças arqueológicas?

Os outros dois ceramistas não chegaram a responder pelo aplicativo, mas tivemos a oportunidade de conversar com Josué Pereira, no dia 15/04/2024 – segunda visita ao Campus de Pesquisa do MPEG e nosso primeiro contato com o episódio interacional<sup>5</sup> (Braga, 2017a) do dispositivo pesquisado. Nesta ocasião, foi possível entrevistar de forma presencial o mestre Deo Almeida que respondeu às seguintes perguntas:

- 1- Fale sobre o processo comunicativo de vocês. Como é que vocês fazem essas trocas dentro do grupo?
- 2- Além da motivação de poder reproduzir as peças com maior fidelidade, o senhor falou sobre a curiosidade em aprender sobre a história das etnias que as produziram. Também havia uma curiosidade em saber sobre os símbolos representados pelos grafismos contidos nas peças? O que vocês puderam aprender partindo desses símbolos?

---

<sup>5</sup> “O episódio interacional é o próprio dispositivo em momento de realização, caracterizado pela especificidade de seus elementos, seus objetivos e pelo sistema de relações comunicacionais constituído; modulado pelas circunstâncias de sua ocorrência singular.” (Braga, 2017a, p. 39) CITAÇÕES NÃO DEVEM VIR AQUI, PRINCIPALMENTE SE ESSE É O CONCEITO CENTRAL DA SUA PESQUISA

3- Na sua visão, esse contato, todo esse processo, permite uma comunicação entre o passado e o presente por meio dessas peças? Como?

Ainda foi entrevistada nessa fase a doutora em arqueologia Erêndira Oliveira que desenvolve uma pesquisa de pós-doutorado no Museu Paraense Emílio Goeldi e também atua como professora colaboradora no Programa de Pós-graduação em Diversidade Sócio-cultural do MPEG. Erêndira foi entrevistada com o intuito de esclarecer melhor a história e as culturas das etnias Marajoara, Tapajó, Maracá, Caeté e Tupi Guarani, que são pesquisadas no projeto. A ela foram feitas as seguintes perguntas:

- 1- Fale um pouco sobre as descobertas arqueológicas na Amazônia, conte um pouco da história.
- 2- Quais os períodos que as etnias das quais provêm as cerâmicas que fazem parte do "Replicando o Passado" - Marajoara, Tupi-guarani, Maracá, Caeté e Tapajônica - habitaram a Amazônia?
- 3- De que maneira você acredita que os artefatos arqueológicos trabalhados pelo projeto, bem como as atividades desenvolvidas nele, contribuem para melhor compreensão (tanto no campo científico quanto social) dessas culturas e, ao mesmo tempo, influenciam na atividade oleira de Icoaraci?

O encontro com o quinto ceramista integrante do projeto, Stefano Cúnico, só ocorreu na terceira visita ao centro de pesquisa, no dia 22/04//2024. Todas as visitas ao centro de pesquisa e entrevistas realizadas nessa etapa foram utilizadas para observação e maior compreensão do funcionamento do "Replicando o Passado", bem como os produtos de suas interações.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A comunicação é um campo da atividade humana que está em constante transformação. As primeiras teorias a assumiam como um processo simplificado que, de acordo com os estudos dos quais era alvo, ocorria de forma linear (Souza; Melo; Moraes, 2014). No entanto, ao longo dos anos, a comunicação foi sendo percebida e entendida como um processo complexo que ocorre das mais variadas formas. (Braga, 2017a)

Para José Luiz Braga, a comunicação é um exercício de compartilhamento de diferenças que só é possível ocorrer por meio da interação e, assim sendo, este é o lugar em que podemos tentar nos aproximar do fenômeno comunicacional (Braga, 2017a). O autor ainda classifica comunicação como tentativa (Braga, 2017a,) e considera que o "fenômeno comunicacional se realiza em *episódios interacionais* entre pessoas e/ou grupos, de forma presencial e/ ou

mediatizada”. (Braga, 2017a, p. 20).

Sendo tentativa, a comunicação assume a possibilidade de ser ou não bem-sucedida, já que o resultado da interação não necessita ser aquele de alto valor para que o processo seja considerado comunicacional (Braga, 2017a). Muitas vezes “é essa imprecisão mesma que, em algumas situações, equilibra a opressão comunicacional e se põe como uma barreira última para o ‘pensamento único” (Braga, 2017a p. 22). Braga enfatiza, então, que não se pode confundir “comunicação” com “comunicação bem-sucedida” (Braga, 2017a).

Essa interação tentativa é posta sob o prisma de duas perspectivas: a primeira de que “os processos comunicacionais são relativamente imprecisos” e a segunda de que são probabilísticos. No primeiro caso, não existe uma garantia da qualidade dos resultados e, no segundo, existe uma relativa previsibilidade. Braga sintetiza essa ideia dizendo que “a comunicação se exerce em uma ampla diversidade de graus qualitativos, de sucesso e de valor” (Braga, 2017a, p. 23). Porém essa tentativa não representa aquilo que se espera obter de um episódio comunicacional.

Dessa forma, o autor conceitua “a existência – socialmente produzida e disponível no ambiente cultural – de uma grande quantidade de táticas-padrão, de modelos reconhecíveis” (Braga, 2017a, p. 33) como dispositivo interacional. Este é o local onde ocorrem os episódios interacionais, de acordo com ele. Um importante ponto destacado por Braga é que, para se produzir dispositivos interacionais, faz-se necessário articular duas características básicas: os códigos compartilhados entre participantes e o desenvolvimento de inferências (Braga, 2017a). Essas inferências são, de acordo com Braga, “direcionadas pelos códigos existentes acionados: linguísticos, culturais, institucionais ou práticos [...]” (Braga, 2017a, p. 31). Assim, em acordo com o pensamento de Foucault (1977 apud Braga, 2017a) , Braga aborda dispositivo interacional como um sistema de relações entre os diversos elementos que o compõem em que os códigos aparecem como elementos compartilhados de antemão e as inferências como “elementos em processamento que resultarão em outras partilhas – logo, ação e transformação” (Braga, 2017a, p. 34 - 35).

## ANÁLISE E CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

### UM BREVE HISTÓRICO DA RELAÇÃO DE ICOARACI COM A CERÂMICA E O NASCIMENTO DO “REPLICANDO O PASSADO”

Desde o início de sua história, Icoaraci sempre esteve relacionada à produção de objetos de cerâmica, muito em função da grande disponibilidade de matéria prima no local. No entanto, nem sempre essa produção esteve ligada a questão artística ou decorativa. Inicialmente, os objetos produzidos nas olarias do distrito tinham uma função estrutural e utilitária. Eram produzidos tijolos e toda sorte de utensílios para atender à demanda de Belém que, naquele momento, estava sendo construída pelos portugueses<sup>6</sup>.

A relação entre a cerâmica de Icoaraci e a arte marajoara – e mais tarde dos outros povos que habitaram a Amazônia – só começaria mais de três séculos depois. Descoberta em 1871 pelo geólogo canadense Charles Frederick Hartt e o naturalista Domingos Soares Ferreira Penna (fundador do Museu Emílio Goeldi, ainda chamado de Museu Paraense) (Cunha, 1989), a cerâmica produzida por indígenas que viveram na região, hoje, conhecida como Marajó, por volta 400 a 1.400 d.C, somente passou a ser inspiração para as peças produzidas pelos artesãos de Icoaraci na década de 1960 (Lima, 2021). Após ver uma fotografia de um vaso marajoara, o artesão Antônio Farias Vieira, usou os traços indígenas como tema para suas peças. Mas foi Raimundo Saraiva Cardoso, mais conhecido como “Mestre Cardoso”, que foi o responsável pela consolidação desse estilo em Icoaraci. O interesse de Mestre Cardoso pela arte marajoara aconteceu após uma visita ao Museu Paraense Emílio Goeldi, em 1968. O artesão recebeu o importante e decisivo apoio de Conceição Gentil e Mário Simões, pesquisadores da área de arqueologia do museu, e passou a ter livre acesso ao acervo arqueológico da instituição. Assim nasceu uma relação colaborativa entre o MPEG e os artesãos de Icoaraci que dura até os dias atuais e se transformou, em 2016, por meio do “Projeto Replicando o Passado”, em uma parceria que iria além das simples visitas (Amorim, 2010).

## SURGIMENTO DO “REPLICANDO O PASSADO” COMO DISPOSITIVO INTERACIONAL

A partir da criação do projeto, começaram a acontecer os encontros semanais entre ceramistas, arqueólogos e estudantes do Museu Paraense Emílio Goeldi. Esses encontros são o que José Luiz Braga chama de episódios interacionais. Iniciou-se, então, o compartilhamento

---

<sup>6</sup> Por volta de 1619, as terras situadas entre o Igarapé Paracuri e o Furo do Maguari foram doadas a Sebastião Gomes de Souza que, em posse delas, deu início ao povoamento e construiu as primeiras casas. Após cinco anos, as terras foram doadas para a Ordem dos Frades Carmelitas dos pés Calçados, que fundou duas fazendas no local: São João do Pinheiro, na Ponta do Mel, e Nossa Senhora do Livramento, às margens do Igarapé Paracuri. Foi nesse momento que a primeira olaria de Icoaraci surgiu com o propósito de produzir tijolos e outros utensílios que eram enviados para Belém para a construção de casas e da Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Dias; Silva, [20-?]).

de saberes entre o meio acadêmico e técnico, no qual os ceramistas passaram a contribuir com seu conhecimento sobre a prática da produção das peças de cerâmica e os arqueólogos com o conhecimento científico das descobertas arqueológicas sobre as culturas Marajoara, Tapajó, Maracá, Caeté e Tupi Guarani.

O “Replicando o Passado” surge, então, como um dispositivo interacional e uma importante ferramenta de pesquisa conjunta que passou a ajudar no processo de revitalização do artesanato cerâmico da comunidade oleira de Icoaraci e na divulgação mútua dos trabalhos dos ceramistas e do museu, além de contribuir significativamente para o avanço das pesquisas em arqueologia do MPEG (Lima, informação verbal, 2024).

**Figura 1** – Ceramista Josué Pereira trabalhando em uma réplica no acervo técnico do MPGE



**Fonte:** Autora

Helena Lima, arqueóloga-pesquisadora e curadora da coleção arqueológica do Museu Goeldi, considera que as réplicas têm um potencial comunicativo muito grande e ajudam a difundir o conhecimento sobre o patrimônio arqueológico e as culturas ancestrais da Amazônia, já que existe uma preocupação muito grande em salvaguardar as peças originais para que não sofram danos.

“Todo esse cuidado com a coleção, que é um bem público (...), um bem de todos nós, da minha perspectiva, só faz sentido se as pessoas conhecerem. Guardar por guardar (...). a coleção não atinge todo o seu potencial. E qual é o seu potencial? É comunicar com as pessoas, é entrar em diálogo com as comunidades mais diversas (...). Cabe a nós do Museu Goeldi abrir essa coleção de forma segura (...). As réplicas têm uma potência muito grande, porque (...) de um lado as peças arqueológicas são a materialização de todo um conhecimento indígena antigo de diversos povos. Povos diferentes, de regiões diferentes, de tempos diferentes (...) deixaram suas marcas na argila de maneiras também muito diversas. Assim como os povos são diversos, a cultura material e a cerâmica também mostram toda essa diversidade, toda essa riqueza, toda essa variabilidade. Ao trazer isso ao estudo e reprodução por parte dos ceramistas contemporâneos, a réplica ganha uma nova camada de conhecimento e uma nova camada de saberes que é o saber que só esses ceramistas de Icoaraci possuem” (Helena Lima, informação verbal, 2024).

Além de possibilitar o acesso dos ceramistas ao acervo arqueológico do Museu Goeldi, o dispositivo interacional “Replicando o Passado” também trouxe a possibilidade de expandir essa interação para outros públicos através do que eles chamam de “reserva técnica visitável”. Uma coleção preparada para receber grupos de pessoas sob agendamento de horário. Helena Lima (informação verbal, 2024) destaca que isso ajuda a fazer com que essas pessoas se sintam parte do acervo, também para que ele faça parte da vida dessas pessoas.

O ceramista Deo Almeida (informação verbal, 2024) foi o ponto de partida para a criação do dispositivo, já que, diante do interesse em conhecer melhor as culturas das quais se originaram as cerâmicas que reproduzia e também as próprias peças – uma vez que, sem a observação das originais, não era possível ter a real ideia da dimensão e de todas as suas faces – buscou a parceria do MPEG no intuito de sanar suas dificuldades (Lima, informação verbal, 2024).

Em entrevista realizada no dia 15 de abril de 2024, o ceramista fala que sua ideia do que seria o museu antes do “Replicando o Passado” era de algo muito restrito. Mas por trabalhar com cerâmicas de temas arqueológicos, ou com inspiração arqueológica, sentia a necessidade de conhecer melhor a origem das peças e dos grafismos que reproduzia, até mesmo por uma demanda dos próprios turistas que consumiam suas peças. “As pessoas que vinham comprar procuravam saber também o que era aquilo, qual era a história, o porquê daquilo” (Almeida, informação verbal, 2024). Ele relata que o pouco que conheciam, através de leituras de alguns livros, não era o suficiente. Foi aí que ele viu a necessidade de se “comunicar diretamente” com a peça para compreender melhor tudo que envolvia o processo de reprodução. Deo Almeida considera de essencial importância ter aprendido sobre a cultura indígena ancestral da

Amazônia com especialistas e ressaltou a interação da troca de saberes como um dos principais ganhos do “Replicando o Passado” (Almeida, informação verbal, 2024).

O conhecimento adquirido e produzido no dispositivo ganhou na figura dos ceramistas importantes difusores, já que eles passaram a falar sobre suas descobertas na comunidade a qual pertenciam e também para os próprios turistas que compravam as peças reproduzidas ou inspiradas nas culturas indígenas ancestrais da Amazônia. Esse processo que extrapola os limites de um dispositivo e o coloca em contato com outros é o que Braga (2017b) chama de circuitos interacionais. Neste artigo, no entanto, não entraremos neste campo, pois isso exigiria mais tempo de pesquisa, porém consideramos importante citá-lo, já que, futuramente, pretende-se expandir a pesquisa nesse sentido.

Deo Almeida entende que a reprodução das peças arqueológicas lhe proporcionou uma credibilidade maior no trabalho com as cerâmicas com esse tema e reconhece que, além de ter valorizado o suas peças e agregado valor comercial a elas, a replicação das cerâmicas arqueológicas, tal qual as originais, cumpre uma função tanto no campo científico, à medida que ajuda na compreensão de culturas de povos ancestrais da região amazônica, quanto social já que conecta culturas, conhecimentos e histórias quando, por meio das réplicas, esses traços culturais milenares ganham espaço nas mais diversas áreas da sociedade.

“Na verdade, hoje, não é só reproduzir por reproduzir, mas reproduzir para conhecer. Materializamos um conhecimento de povos antigos e repassamos esse conhecimento através dos objetos produzidos [...] e acredito que isso possa mover as pessoas, através do conhecimento, para um respeito maior a grupos que habitaram aqui antes de nós” (Almeida, informação verbal, 2024).

Da mesma forma que o “Replicando o Passado” ajudou a comunidade oleira do bairro do Paracuri a ter acesso ao conhecimento, antes restrito ao meio científico e acadêmico, também abriu as portas para que pessoas com deficiência pudessem, mais do que conhecer e pesquisar sobre o assunto, interagir, de fato, com as peças arqueológicas. Coisa inimaginável em outros momentos, já que o toque nas peças originais é muito restrito devido aos cuidados que devem ser tomados para que as peças possam ser preservadas. E, ainda que fosse possível permitir o toque, pessoas cegas ou com baixa visão não teriam acessibilidade real, uma vez que as pinturas originais não têm relevos. Por isso, dentro do “Replicando o Passado” surgiu uma nova iniciativa chamada “Catálogo acessível” que reproduziu cinco miniaturas de peças, de cinco culturas diferentes, com grafismos em relevos e texturas para que pessoas com deficiências visuais possam tocá-las e “lê-las”, além de terem sido incluídas placas explicativas com textos em Braille, disponibilizados também em áudio (Lima, informação verbal, 2024). Essa iniciativa conta com a colaboração da estudante PIBIC do MPEG Caroline Barros, que é cega.

Figura 2 – Ceramista Deo Almeida e a estudante Carolina Barros



Fonte: Autora

O “Catálogo acessível” insere mais um elemento ao dispositivo interacional “Replicando o Passado” e permite novas interações, compartilhamentos e produções de inferências. E é dessa forma, segundo José Luiz Braga que ocorre a atualização do código, é o que permite “exercê-lo para além do processo mecânico de codificação/decodificação, que não faria mais que transmitir informação” (Braga, 2017a, p. 31). Em suma, é o que mantém a comunicação como algo vivo e em constante transformação.

## O PAPEL DO INFERENCIAL DOS ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS

Interpretar o passado por meio de um trabalho que busca mais do que compreender os símbolos deixados pelos povos amazônicos ancestrais, mas promover um resgate das técnicas e da relação que eles tinham com os objetos que produziam é um desafio para a comunicação. Os processos comunicacionais, no entanto, não ocorrem somente através de linguagens verbais – fala e escrita –, mas também por meio das linguagens não verbais. Nessa categoria encontramos os símbolos – que estão dentro de um escopo maior de estudo que é a semiótica, na qual se estuda os signos que codificam a mensagem em ícones, símbolos ou índices e podem

conter as mais diversas significações (Nicolau *et al.*, 2010). Os grafismos imprimidos na cerâmica produzida pelos povos ancestrais da Amazônia podem ser interpretados como símbolos que, de acordo com Ribeiro (2010, p. 51),

diferentemente do ícone e do índice, [...] é um signo que estabelece uma relação com seu objeto por meio de uma mediação, ou seja, as ideias presentes no símbolo e em seu objeto se relacionam a ponto de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto, isto é, fazendo com que o símbolo represente algo que é diferente dele.

Dessa forma, para se compreender um símbolo é necessário que haja uma relação – que será interpretada a partir de uma ideia na mente de seu usuário – entre ele e seu objeto.

Para se entender, portanto o processo comunicacional e as interações que compõem o projeto “Replicando o Passado”, foi preciso olhar atentamente para esses dois aspectos da linguagem, já que, a interação entre seus membros, se dividiu fundamentalmente entre duas formas de compartilhamento: a primeira promovida pela linguagem verbal e a segunda por meio da interação com os símbolos deixados pelas culturas exploradas pelo projeto. Que fique claro, no entanto, que esta pesquisa não se propõe a realizar um estudo aprofundado sobre símbolos, mas busca entender de que maneira eles interagem no processo comunicacional que ocorre dentro do dispositivo estudado.

A comunicação verbal, inicialmente, se deu entre ceramistas e arqueólogos, mas com o ponto de convergência passando pelos artefatos. Os símbolos que as peças de cerâmica trabalhadas pelo projeto carregam são, portanto, um importante elemento da comunicação desenvolvida nesse dispositivo. Eles representam a “voz” das culturas indígenas ancestrais da Amazônia e por meio deles, é possível compreender melhor suas culturas e modos de vida.

Assim, o processo de compreensão de uma cultura ancestral, por meio dos objetos por ela deixados é um trabalho que exige um esforço grandioso para além de conhecimentos científicos já produzidos. Por isso, convidar pessoas que estão fora do meio acadêmico, mas que podem contribuir com conhecimento técnico proveniente de uma comunicação intergeracional capaz de revelar traços de uma história, é um movimento que pode colaborar para se desvendar os mistérios gerados pelo hiato entre épocas diferentes (Oliveira, informação verbal, 2024). Além disso, esse contato entre arqueólogos, ceramistas e as peças arqueológicas deixadas pelas culturas marajoara, tapajônica, maracá, entre outras, gera uma linha de comunicação inovadora entre povos ancestrais e contemporâneos que jamais poderia ocorrer sem a existência de tais objetos e símbolos. Daí a importância da conservação, exploração, interpretação e replicação desses objetos, pois este trabalho permite não apenas a compreensão

dessas culturas, mas também das técnicas que utilizavam, das crenças, hábitos e modos de vida, além de ajudar na disseminação desse conhecimento e conservação do patrimônio arqueológico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Replicando o Passado” é um projeto que nasceu distante do olhar da comunicação, mas que chama atenção para esta área à medida que fomenta um importante mecanismo para se estabelecer uma relação entre aqueles que participam dele de forma direta ou que são alcançados por ele de alguma forma, além de estabelecer também um canal comunicacional entre dois períodos históricos na Amazônia. Assim, é possível compreender que o processo comunicacional desenvolvido a partir dessa iniciativa conecta passado e presente por meio de uma troca de saberes que enriquece tanto a pesquisa científica quanto aprimora técnicas artesanais, além de colaborar com a construção de uma identidade amazônica em autorreconhecimento.

Mais do que replicar o passado, o projeto possibilitou uma ponte comunicacional entre duas épocas, na Amazônia, e, por meio dela, resgatou conhecimentos ancestrais não para que fossem meramente reproduzidos, mas para que, aliados às técnicas e saberes de ceramistas, arqueólogos, estudantes e pesquisadores que colaboram com o projeto, pudessem revitalizar a tradição cerâmica de Icoaraci e também tornar o acervo arqueológico mais do que um guardião do passado, um agente de promoção da interação entre diferentes épocas e públicos.

Enquanto dispositivo interacional, o “Replicando o passado” mostrou-se um importante local de troca de conhecimentos, compartilhamento e produção de códigos e inferências, trazendo, para o entendimento da comunicação, a partir dos conceitos trabalhados por José Luiz Braga, uma nova perspectiva sobre o passado e sua interação com o presente. Então, para responder ao questionamento que impulsionou esta pesquisa, concluímos que sim, é possível haver comunicação entre o passado e o presente. Talvez não da forma tradicionalmente associada a essa prática, mas compreendendo que comunicação é um processo complexo, cheio de imbricações e possibilidades. O projeto “Replicando o Passado” encontrou um caminho inovador para ligar conhecimentos ancestrais e contemporâneos amazônicos e, com isso, tem promovido sim a comunicação entre duas épocas.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Lilian Bayma de. **Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.

BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes (orgs.). **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, 2016.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. *In*: BRAGA, Jose Luiz; RABELO, Calazans; LEON, Rabelo; et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017a.

BRAGA, José Luiz. Circuitos de Comunicação. *In*: BRAGA, Jose Luiz; RABELO, Calazans; LEON, Rabelo; et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017b.

BRAGA, José Luiz. O encaminhamento à pesquisa. *In*: BRAGA, Jose Luiz; RABELO, Calazans; LEON, Rabelo; et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017c.

BRAGA, Jose Luiz; RABELO, Calazans; LEON, Rabelo; et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. **Talento e atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

DIAS, Mário Benjamin; SILVA, Maria de Jesus Benjamin da. **O Distrito de Icoaraci e sua inserção no context urbano e regional amazônico**. [s.n], [s.l], p. 1-9, [20-?]. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/22.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2024

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1996.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora UFMG, 1999.

LIMA, Isabelle. Cerâmica Marajoara: arte que resiste ao tempo! **Portal Amazônia**. 14 set. 2021. Disponível em: <https://portalamazonia.com/estados/para/ceramica-marajoara-arte-que-resiste-ao-tempo> Acesso em: 8 abr. 2024

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação a pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo: Loyola. 1995.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NICOLAU, Marcos; ABATH, Daniel; LARANJEIRA, Pablo César; MOSCOSO, Társila;

MARINHO, Thiago; NICOLAU, Vitor. Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce. **Revista Temática**, v. 6, n. 8, ago. 2010.

LIMA, Helena Pinto. Replicando o Passado. **Museu Goeldi**. nov. 2023. Disponível em: <https://ts.museu-goeldi.br/replicando-o-passado/> Acesso em: 8 abr. 2024

RIBEIRO, Emilio Soares. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. **Estudos Semióticos**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 46–53, 2010. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2010.49258.

SOUZA, Rose Maria Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando J. de (orgs.). **Teorias da Comunicação**: correntes de pensamento e metodologia de ensino. São Paulo: INTERCOM, 2014.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.